

Editorial

Dossiê Temático II: As artes da cena dos e com os povos indígenas



Imagem da Capa

Projeto Gráfico: Marcelo Pires de Araújo
Espetáculo: *Matemática Curva: uma série em confinamento*
Supervisão do processo criativo: André Carreira

UrdimentoREVISTA DE ESTUDOS EM ARTES CÊNICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEATRO

E-ISSN 2358.6958

CHAMADA DE TRABALHOS: v. 1, n. 43, março/abril de 2022

DOSSIÊ TEMÁTICO

As artes da cena dos e com os povos indígenas

SUBMISSÕES ATÉ 15/01/2022

Imagem: Levantar Truká, téc. cerâmica terracota 960 °C.
Artista: Déba Viana Tacana
Exposição coletiva: "Lugar de Terra",
Galeria Ana das Carrancas, Sesc-PE.
Foto: Lorena Marques



UDESC | CEART

ppot

U

Comitê Editorial – Maria Brígida de Miranda (UDESC); Tereza Mara Franzoni (UDESC); Luciana Hartmann (UnB); Deise Lucy Montardo (UFBA); Naine Terena (FCMT); Luiz Davi Vieira Gonçalves (UEAM); Graciela Chamorro (UFDO)

Neste Dossiê Temático, o Comitê Editorial teve como objetivo reunir trabalhos realizados entre e com os povos indígenas, que envolvem tanto artistas indígenas como também não indígenas, mas que, sobretudo, estivessem engajados nas lutas e nos processos de visibilidade das culturas e manifestações desses povos. O dossiê visou compilar análises sobre a presença indígena e suas cosmologias nas artes da cena e todas as possibilidades de hibridização cênica, em seus múltiplos contextos e possibilidades, incluindo as perspectivas antropológicas, políticas, territoriais e ambientais, dos pontos de vista histórico, visual, sonoro, performático e dos cruzamentos possíveis entre eles.

Assim, o propósito da revista *Urdimento* neste número é engajar-se no recente campo dos estudos sobre a temática Teatro e Povos Indígenas e fortalecer o debate. Consideramos o expressivo crescimento de produções acadêmicas sobre o assunto no Brasil e identificamos a publicação de vários dossiês em periódicos das artes da cena. Vale citar alguns exemplos dos últimos cinco anos: a revista *Arte da Cena*, da Universidade Federal de Goiás (UFG), com o dossiê *Etnicidade e Cena: (Cri)ações, Planos de Composição, Corpo e Ritual Ameríndio nas Artes da Cena* (2018); a revista *Txaí*, da Universidade Federal do Acre (UFAC), com o dossiê *Performatividades amazônicas: práticas e reflexões* (2021); a revista *Teatro: criação e construção de conhecimento*, da Universidade Federal do Tocantins (UFT), com o dossiê *Experiências Estéticas, Arte e Conhecimento Indígena: descolonizando a formação do artista-docente-pesquisador* (2020) e a revista *Fragmentum*, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), com o dossiê *Mulheres indígenas: entre o ontem e o hoje* (2021). Destacam-se ainda as publicações *Teatro e Povos Indígenas: Janelas abertas para a possibilidade* (2021) e *Diálogos: Arte e Bahsesé – Ukuse: Bahse Merise* (2021), cujas autorias são uma parceria entre indígenas e não indígenas, além do grande número de apresentações de trabalhos sobre o tema nos principais eventos científicos da área, como os congressos e encontros da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas - ABRACE e o Congresso Nacional da Federação de Arte/Educadores do Brasil – CONFAEB (Gonçalves, 2021a, 2021b, 2020a, 2020b).

Em especial, a *Urdimento* se propôs a voltar os olhares para a realidade dos



povos indígenas no contexto político nacional. A luta pela conquista e pelo reconhecimento de seus direitos têm percorrido estes cinco séculos desde a chegada dos europeus ao continente americano. A Constituinte de 1988 foi um marco importante nesse sentido, principalmente no que diz respeito à saúde e à educação diferenciadas. Também foram estabelecidos princípios para nortear o direito ao uso da terra ocupada tradicionalmente por esses povos, falantes de cerca de 200 línguas distintas, que estão sofrendo ataques violentos e constantes tanto por parte do chefe do poder executivo quanto por agentes do legislativo e do judiciário, com o objetivo de esvaziar as políticas públicas voltadas ao atendimento desta população, bem como votando decretos que ameaçam a sua existência física. O chamado "Marco Temporal", uma ação no Supremo Tribunal Federal (STF) que defende que povos indígenas só podem reivindicar as terras se já estavam nela no dia 5 de outubro de 1988, data da entrada em vigor da Constituição Brasileira, é apenas uma das propostas que prejudica o futuro da vida deles. Quer dizer, se essa ação for vitoriosa no STF, ela anulará inúmeras reivindicações legítimas de retomada de seus territórios tradicionais. Outra é o projeto de mineração em terras indígenas que está sendo votado às pressas nos correntes meses de março e abril de 2022. Vale ressaltar que esses projetos não foram submetidos às devidas análises técnicas. Tais ações indicam que o governo se posiciona contra a existência dos povos e das culturas indígenas e a favor de interesses escusos. Não vamos nos alongar aqui nesta extensa matéria, mas apontamos estas questões para refletir sobre como as artes da cena dos e com os povos indígenas dialoga com esse contexto de violação de direitos constitucionais e propõe alternativas poéticas e espirituais para lidar com conflitos. As diversas linguagens artísticas são centrais para esses povos, para o estabelecimento de relações políticas entre seres humanos e "mais que humanos", mas são também fundamentais nas lutas por visibilidade. Trazemos aqui o exemplo das manifestações contra o "Marco Temporal", em Brasília, em setembro de 2021, que reuniram mais de oito mil indígenas e tiveram nas linguagens artísticas seu forte apelo e sua força. São inúmeras mulheres, homens e pessoas não binárias indígenas que vêm se destacando na literatura, no cinema, nas artes visuais, na música e nas artes da cena, rompendo barreiras de silenciamentos, isolamentos e mesmo confinamentos e tortura, como foi feito aos

juvens do povo Krenak durante a Ditadura Militar (1964-1985). Os artigos selecionados nos convocam a ouvir as vozes dos povos indígenas e dos povos "mais que humanos", para que possamos ter sabedoria para escutá-los e quem sabe romper o laço colonial e eurocêntrico não apenas das artes da cena, mas de nossa existência como sociedade.

O primeiro artigo deste dossiê, *Reflorestar o pensamento ou Ações Performágycas y o ator-xamã*, dos autores Way Pury, Carolina Prymeyra, Malandro Vermelho e Thalita Castro, aborda possíveis aproximações entre as artes da cena, com ênfase no teatro-performativo e na performatividade dos xamanismos indígenas das terras baixas da América do Sul.

Em seguida, as autoras Vanessa Benites Bordin e Mepaeruna Tikuna, no artigo *Diferentes tradições, vidas que se entrelaçam: O encontro de duas artistas em Manaus*, relatam suas experiências como mulheres artistas de diferentes tradições — uma indígena e outra não indígena — e as afinidades que as levaram a trilhar um caminho juntas nos desafios poéticos e pandêmicos da Covid-19.

Cauê Krüger e Don Correa, no artigo *Os pronomes empáticos e o perspectivismo dramaturgico: sobre Nós Outros, da Fala Companhia de Teatro*, analisam o processo criativo do espetáculo teatral *Nós outros*, concebido pela Fala Companhia de Teatro, de Curitiba, criado a partir da vivência dos atores e do dramaturgo e diretor Don Correa com indígenas das etnias Guarani e Kaingang, mais especificamente da Aldeia Tupã Nhe´ e Kretã, localizada em Morretes, Paraná.

No artigo *Perspectivas xamânicas sobre as artes da cena: Um diálogo cosmopolítico com as culturas ameríndias*, Carlos Henrique Guimarães propõe ao(à) leitor(a) considerações teórico-práticas a respeito da performatividade ritual do xamã ameríndio e as possíveis aproximações com o campo expandido das artes cênicas, confrontando entendimentos sobre os conceitos contemporâneo, modernidade e arcaico.

Na sequência, a autora Flaviana Benjamin, com o artigo *A proposição cosmopolítica na obra de Jaider Esbell e Vó Bernal*, descreve a passagem do artista Jaider Esbell (1979-2021) e de sua parceira, Vó Bernal (1945 - 2020), no ano de 2019,

pelo Projeto “Rios, roças e redes”, realizado durante o evento Jardinalidades, produzido pelo SESC/SP.

Já Katia Brito, em artigo intitulado *Atuado-cena, pajelança e uma possível rotação de perspectiva*, traz a proposição de uma aproximação desta prática e algumas reflexões sobre os possíveis diálogos da noção de atuação com a contemporaneidade das artes cênicas e performativas.

Por sua vez, por meio do artigo *Cenas rupestres de lutas corporais no Parque Nacional Serra da Capivara, possíveis interpretações*, os autores Leandro Paiva, Deise Lucy Oliveira Montardo, Michel Justamand, Gabriel Frechiani de Oliveira, Vitor José Rampaneli de Almeida e Gabriela Rabello, analisam, com base na pesquisa de campo realizada no sudeste do estado do Piauí e, posteriormente, no Alto Xingu (Brasil Central), o corpus de lutas corporais nos registros rupestres e, para além apenas do olhar de pesquisadores, remanescentes de povos originários, que se engajavam em lutas corporais ritualizadas, apresentaram suas próprias interpretações.

Por conseguinte, na estrutura do Dossiê, a autora Lúcia Regina Vieira Romano, com o artigo *O espanto da atriz: efeitos éticos e estéticos no encontro com mulheres indígenas Guarani Mbya, na cena da Cia Livre, de Brecht*, problematiza duas produções da Cia. Livre, apresentadas em 2019, baseadas na peça de aprendizado *Os Horácios e os Curiácios* (1933), de Brecht, e que tematizam a luta pela terra no Brasil contemporâneo.

O Dossiê continua com Paloma Bianchi, por meio do artigo *Como quebrar barragens: Outros processos políticos e artísticos para reparar o irreparável*, apresenta algumas de suas vivências durante o Amazônia centro do mundo, evento que reuniu ao longo de três dias lideranças indígenas, pesquisadores(as) e ativistas em Altamira (PA), cidade onde foi erguida a segunda maior usina hidrelétrica do mundo.

E, fechando este Dossiê temos o artigo *Plataformas digitais e as manifestações estéticas indígenas: para recolher ao longo do caminho*, de Naine Terena de Jesus e Flávio Justino Fêo. Este artigo apresenta a experiência dos



fazeres estéticos indígenas, de modo especial a partir da Plataforma Tepi (Teatro e Povos Indígenas).

Referências

GONÇALVES, Luiz Davi Vieira; BARRETO, João Paulo Lima; PALANDI, Viviane; BARRETO, Ivan Menezes (Org.). *Diálogos: Arte e Bahsesé* - Ukuse: Bhasse Merise. 1. ed. Manaus: Editora Mamoeiro, 2021.

GONÇALVES, Luiz Davi Vieira. Performance-Ritual ÜHPÜ: o indígena e o não indígena juntos na cena decolonial. *MORINGA* — Artes do Espetáculo, [S. l.], v. 12, n. 1, p. 11-31, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/moringa/article/view/59956>. Acesso em: 04/04/2022.

GONÇALVES, Luiz Davi Vieira. Oficina de florestas: Tupi or not Tupi, that is the question. *Sala Preta*, [S. l.], v. 20, n. 2, 185-196, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/salapreta/article/view/185074>. Acesso em: 04/04/2022.

GONÇALVES, Luiz Davi Vieira. Eu sou um outro você: descolonizando o saber na prática da metodologia Kõkamõu. In: BRONDANI, Joice Aglaes; HADERCHPEK, Robson Carlos; ALMEIDA, Saulo (Org.). *Práticas decoloniais nas artes da cena*. São Paulo: Giostri, 2020.

Texto elaborado pelo Comitê Editorial do **Dossiê Temático II: Corpo e(n)cena e (des)educação I**